

O gênero discursivo/textual nos livros didáticos de Língua Portuguesa: uma proposta de inovação orientada pelos documentos oficiais

The discourse gender/textual in didactic books of Portuguese Language: a proposal for innovation guided from official documents

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer*

Sergio Vale da Paixão**

RESUMO: Novas teorias na área das ciências linguísticas, há décadas, passaram a ser vetores de inovação no ensino de língua portuguesa e conseqüentemente deram respaldo a reformas curriculares. Reformas que polarizam o ensino tradicional como velho e ultrapassado e o ensino pautado sobre os estudos linguísticos como novo, inovador. Um exemplo dessa polarização são Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998), que orientam as práticas pedagógicas dos professores e a elaboração dos livros didáticos. Nesse sentido, PCNs e Guia do Livro Didático, material que divulga os livros aprovados pelo PNLD, são os objetos de análise da pesquisa. Nos PCN, focaliza-se a abordagem a teoria dos gêneros discursivos/textuais, a qual passa a provocar a necessidade de uma inovação no eixo condutor da proposta de ensino da língua portuguesa pelos livros didáticos. No Guia, atenta-se à apresentação das obras aprovadas pelo PNLD. Os resultados apontam para o fato de que os livros para o próximo triênio, 2011-2013 estão bem mais conciliadores as orientações dos PCN no que se refere ao trabalho com os gêneros textuais. Porém, o principal é modo que a conciliação está acontecendo, o novo em um entrelaçar com o velho, sem radicalismos que possam ferir a cultura institucionalizada.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero discursivo/textual. Inovação. Livros didáticos.

ABSTRACT: New theories in linguistic areas, a long time are being the reason of innovation in Portuguese Language Teaching and consequently helped to reformulate the curriculum. Those changes pointed the traditional teaching as old and obsolete and

* Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Jacarezinho. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). marilucia.ss@uol.com.br

** Professor da Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibaiti (FEATI). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). sergiovpaixao@hotmail.com

the teaching about the linguistic studies as something new. An example of this are the Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998), which help the pedagogical practice of the teachers and the elaboration of the didactic books approved by PNLD, which are some objects of search analyses. In the PCN, the focus is in the theory of discursive and textual genders which stimulate the necessity of an innovation in the mean perspective of the didactic books. In the guide, it's possible to find the presentations of the books approved by PNLD. The results point to the fact that the books to the next three years, 2011-2013 are being more organized to the orientation to the PCN about the discursive and textual genders. Therefore, the main focus is the way that the conciliation is happening, the new and the old are together, without radicalisms that possibly come to prejudice the institutionalized culture.

KEY-WORDS: Discursive/textual genders. Innovation. Didactic books.

Introdução

A década de 80, século XX, foi um momento significativo para o sistema educacional no Brasil, na reformulação dos cursos de licenciatura (Diniz, 2000), na busca por melhorias na formação inicial e continuada dos professores, nas críticas sobre a forte e constante presença do livro didático (LD) no contexto escolar. Algumas críticas chegaram a denominar o LD como padronizador das falas e dos comportamentos do professor (BRITTO, 1998). Fatos ocasionados, entre outros fatores, pelo desenvolvimento de novas teorias na área das ciências linguísticas, as quais, de acordo com Dornelles (2007), passaram, desde a década de 70, a serem vetores da "inovação no estudo/ensino de língua portuguesa", e consequentemente a respaldarem "as reformas curriculares no ensino de português" (p.1). Reformas essas que polarizam o ensino tradicional como velho e ultrapassado e o ensino pautado sobre os estudos linguísticos como novo, inovador. Compreendendo "inovação" a partir do conceito de Signorini (2007, p.9) como um "deslocamento ou reconfiguração dos modos rotineiros de raciocinar/agir/avaliar em questões de estudo e de ensino da língua, reconfiguração essa impulsionada por demandas institucionais".

Da década de 80 para cá, vários podem ser os exemplos desse modelo polarizador, entre eles os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998),

documentos oficiais que orientam as práticas pedagógicas dos professores e a elaboração dos livros didáticos. Nesse sentido, os PCN e o Guia do Livro Didático, material este que divulga os livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), são os objetos de análise da pesquisa que neste artigo apresentamos. Nos PCN focalizamos a abordagem a teoria dos gêneros discursivos/textuais, a qual passa a provocar a necessidade de uma inovação no eixo condutor da proposta de ensino da língua portuguesa pelos livros didáticos. No Guia, nos atentamos à apresentação das obras analisadas e aprovadas pelo PNLD.

A motivação por essa abordagem, ocorreu frente a uma fala presente no meio educacional de que as inovações não se efetivam na prática porque os professores são resistentes a elas. Comungando com Machado (2009, p. 16), acreditamos que é preciso um posicionamento contra “um discurso generalizador, ideologicamente marcado, que considera o professor como um ser a quem sempre ‘falta’ algo (falta-lhe conhecimento, falta-lhe reflexão, falta-lhe vontade de mudar, etc)”. A questão é muito mais complexa, como aponta Signorini (2007), do que afirmar que “as instituições e os agentes institucionais encarregados do ensino são resistentes à inovação produzida ou inspirada pela ciência linguística” (p.223). Para apreender e compreender como se efetivam ou não as inovações na escola, é preciso considerar toda a complexidade do contexto escolar que contempla diversas e diferentes práticas sociais, as quais estão “em constituição mútua com os aparatos tecnológicos e materiais de que se valem rotineiramente os agentes institucionais em suas atividades” (SIGNORINI, 2007, p.212). Nesse sentido, entre os aparatos materiais estão os livros didáticos. Portanto, nosso objetivo, neste artigo, é investigar qual a convergência dos livros didáticos aprovados pelo PNLD com as orientações dos PCN, no que se refere à polarização que se efetiva nesse documento, em que o velho, o ineficiente é a pedagogia transmissiva de análises estruturais e gramaticais que dissociam o texto de sua realidade social, e o novo, inovador é tomar o gênero como “objeto de ensino” (BRASIL, 1998, p. 23).

Para tanto, nos ancoramos nos pressupostos da Linguística Aplicada, uma vez que seu objeto de investigação “é a linguagem como prática social” (MENEZES; SILVA; GOMES, 2009, p.1) e devido “caracterizar-se pela expansão dos dados que estuda, das disciplinas-fonte e das metodologias, em função da necessidade de entendimento dos problemas sociais de comunicação em contextos específicos” (KLEIMAN, 1998, p.55).

A inovação no contexto escolar

De acordo com o constatado por Bruce (1993) em seus estudos a respeito de inovação, sintetizados por Signorini (2007), a questão da inovação no ensino de língua é algo bastante complexo, uma vez que envolve diferentes fatores para que ela realmente se efetive na prática e pelas resistências que se constituem. Por exemplo, no campo da educação, a inovação pode tanto ser modificada pelos padrões de instrução quanto por eles rejeitada, caso não possa ser modificada; pode ser re-criada a partir da interpretação, avaliação, valoração e objetivos que os professores e alunos tenham sobre ela e diante dos contextos e práticas da qual participa; são vistas como “parte de um sistema em evolução” (SIGNORINI, 2007, p.219).

No que se refere à didatização das inovações que se constituem nas ou a partir das ciências linguísticas e sancionadas pelos documentos oficiais, como no caso da teoria dos gêneros discursivos/textuais, é preciso se considerar também, de acordo com Signorini (2007), o funcionamento das práticas que constituem o contexto escolar, as quais estão estritamente relacionadas às tecnologias e materiais utilizados pelos professores em suas atividades. Aqui em nosso caso, o livro didático, material que deveria ser um apoio ao professor, mas historicamente constituído, passou a ser, muitas vezes, o único material de apoio ou até mesmo o guia do professor.

Presente nas salas de aula desde 1930, conforme Striquer (2007), na década de 70, o LD ganhou ainda mais força no cenário educacional, por diversos motivos, o que exigiu uma política para definição de princípios e

critérios para a elaboração, avaliação e distribuição desses materiais. Vários órgãos e programas foram criados, o último, em 1995 e que vigora até o momento, o PNLD. Todos os livros adotados pelas escolas da rede pública de ensino do Brasil são submetidos ao processo de análise e avaliação realizado pelo PNLD. O meio de divulgação dos resultados e critérios utilizados o Guia do Livro Didático, sendo então o instrumento de apoio para que os professores escolham o livro a ser adotado.

Em síntese, mesmo diante de várias críticas sobre a presença e o uso do livro didático, como a de Savioli (1997) que o classifica como mercadoria a serviço do lucro, inserido em um quadro de comercialização, o “livro didático é um elemento tão presente na sala de aula quanto o próprio professor” (MOLINA, 1987, p.13). É, conforme Bunzen (2001), um objeto complexo, multifacetado, pois se constitui de uma multiplicidade de funções e de relações que pretendem “construir entre aqueles que o utilizam e entre esses e os objetos de conhecimento” (p.3). E, ainda, de acordo com Striquer (2007), complexo por entrelaçar diversos discursos, ideologias, interesses que se originam de um autor, uma pessoa física, aquele cujo nome vem anunciado na capa do livro; da editora, que por ser a responsável pela edição, dita alguns parâmetros de mercado a serem seguidos pelo autor na elaboração da obra; do PNLD, que por sua responsabilidade no processo de avaliação determina critérios que permitem ou não o livro chegar até às escolas; e dos professores, que são quem, ao final do processo, elegem os livros que melhor condizem com as expectativas e desejos deles.

Diante desse quadro, mesmo pretendendo realizar uma análise de transposição didática, reconhecemos o LD não apenas como um produto final, mas como uma “caixa-preta” no sentido que Bunzen (2001) o define, ou seja, um produto fruto de um,

Processo dinâmico em que saberes, objetos e práticas de ensino, que trazem tempos históricos e concepções de aprendizagem diferentes, são escolhidos (entre tantos outros) e trabalhados/agenciados por diversos atores na produção de um universal concreto, uma

verdadeira caixa-preta que será fechada e vendida aos consumidores.
(p. 2).

Sobre os critérios de avaliação utilizados pelo PNLD para aprovação dos LD, a principal base teórico-metodológica está inserida nos PCN, os quais orientam que o gênero deve ser tomado como objeto de ensino. “Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas” (BRASIL, 1998, p.23). Conceitos originários das teorias bakhtinianas, de onde vem também a compreensão dos PCN de que por existir um número ilimitado de gêneros, é preciso que a escola priorize alguns, os “que caracterizam os usos públicos da linguagem. [...] que podem favorecer a reflexão crítica e o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem” (BRASIL, 1998, p.24).

Os gêneros, os livros didáticos e as orientações oficiais

Propondo-nos, então, a investigar qual a convergência dos livros didáticos aprovados pelo PNLD com as orientações dos PCN, especificamente no que se refere à proposta de trabalho com gêneros discursivos/textuais para o ensino da língua materna em um movimento transdisciplinar, analisamos dois Guias do Livro Didático de Língua Portuguesa. O primeiro Guia é de 2007, o qual apresentou os livros para serem adotados pelas escolas da rede pública de Ensino Fundamental, 5ª a 8ª séries, para o triênio 2008-2010.

Explicita o Guia 2007 em seus critérios classificatórios relativos ao trabalho com o texto que nas propostas de produção de texto escrito, se considere fundamental que os livros didáticos não deixem de trabalhar:

- Considerar o uso social da escrita, levando em conta, portanto, o processo e as condições de produção do texto, evitando o exercício descontextualizado da escrita;
- Explorar a produção dos mais diversos gêneros e tipos de texto, contemplando suas especificidades;

- Apresentar e discutir as características discursivas e textuais dos gêneros abordados, sem se restringir à exploração temática;
- Desenvolver as estratégias de produção inerentes à proficiência que se pretende levar o aluno a atingir. (BRASIL, 2007, p.15).

Ou seja, seguindo os pressupostos teóricos-metodológicos dos PCN, o PNLD tem como critério a verificação do trabalho realizado com os gêneros. O Guia 2007 traz 24 coleções aprovadas e nelas descritas e resenhadas, das quais apenas seis, 25%, trabalham com o gênero como princípio organizador, compreendido como “critério utilizado pela coleção para selecionar, pôr em sequência e organizar a matéria a ser ensinada, estruturando, assim uma proposta pedagógica particular” (BRASIL, 2007, p.22). São cinco os princípios organizadores observados nas obras: por temas, por temas associados a gêneros, por tópicos linguísticos, por projetos temáticos e por projetos relacionados a gêneros. Optamos por apresentar as 6 obras em tabela para que possa ficar mais visível o que se propõe a respeito da abordagem aos gêneros, o que então estamos entendendo como inovador, e também a presença de abordagens tradicionalistas.

Princípio organizador	Temas associados a gêneros
Livro didático	<i>Construindo consciências – Português</i> . Editora Scipione
Gêneros	“A obra apresenta uma coletânea de textos rica em gêneros e temas, contribuindo para a inserção do aluno em diferentes práticas culturais e sociais da escrita” (p.95). Em cada capítulo há a apresentação de um gênero, entretanto predomina o trabalho com gêneros que se constituem da sequência narrativa.
Tradicionalismo	“Quanto aos conhecimentos linguísticos, a abordagem é tradicional, sem progressão clara de conteúdos” (p.95).
Princípio organizador	Temas associados a gêneros
Livro didático	<i>Trabalhando com a linguagem</i> . Quinteto Editorial,
Gêneros	Orienta o trabalho com a produção textual de forma a definir ao aluno “que gênero escrever, para quem, para quê” (p.99).
Tradicionalismo	“Os conteúdos gramaticais são selecionados e ordenados da maneira tradicional e são apresentados de forma descritiva” (p.99).
Princípio	Projetos relacionados a gêneros

organizador	
Livro didático	<i>Viva Português</i> . Editora Ática.
Gêneros	"Articula eficientemente os diversos eixos de ensino: um mesmo gênero é, progressivamente, explorado na leitura, retomando na reflexão sobre conhecimentos linguísticos e proposto na produção escrita" (p.133).
Tradicionalismo	xxx
Princípio organizador	Projetos relacionados a gêneros
Livro didático	<i>Tudo é linguagem</i> . Editora Ática.
Gêneros	"A leitura e a produção de textos são propostas tendo em vista a contextualização em situações de uso e reflexões que possibilitam um processo gradual de construção do conhecimento" (p.137).
Tradicionalismo	"O trabalho com os conhecimentos linguísticos, feito na perspectiva da gramática tradicional" (p.137).
Princípio organizador	Projetos relacionados a gêneros
Livro didático	<i>Português linguagens</i> . Editora Saraiva.
Gêneros	"A coleção elege os gêneros como objetos de ensino e os vincula à realização de projetos temáticos. Nessa perspectiva, desenvolve uma proposta de ensino construtivo em leitura, produção escrita e análise linguística, possibilitando aos alunos apropriarem-se das características temáticas, estruturais e estilísticas dos gêneros em estudo".(p.147).
Tradicionalismo	"No tratamento da gramática, a obra adota a abordagem tradicional dos conteúdos, voltada para a exposição de conceitos e classificações e a prescrição de normas de uso" (p.147).
Princípio organizador	Projetos relacionados a gêneros
Livro didático	<i>Projeto Araribá - Português</i> . Editora Moderna.
Gêneros	Essa obra apresenta diferentes gêneros textuais, contudo o trabalho com os gêneros orais formais são insuficientemente orientados e ainda ressalta-se como ponto fraco as propostas de produção de textos "limitadas à circulação no ambiente escolar" (p.141).
Tradicionalismo	"Na abordagem dos aspectos gramaticais e ortográficos, predomina a transmissão, com ênfase nos conteúdos morfosintáticos" (p.141).

Quadro 1 – O que as resenhas revelam sobre os livros do Guia 2007

Observa-se, então, que das 6 coleções que trabalham o gênero como eixo organizador, uma delas mereceu mais destaque sobre os pontos negativos, a obra *Projeto Araribá*, pois propõe um processo tradicionalista de fazer com que os textos sejam produzidos para a escola, limitando a circulação dos textos apenas na escola, não trabalhando o aspecto essencial do gênero que é fazer com que o aluno, conhecendo os diferentes gêneros existentes na sociedade, possa participar de diferentes situações sociais, de contextos de usos reais da língua. Criar contextos inseridos em projetos de comunicação real, de acordo com Nascimento (2009), é uma das chaves para que se possa favorecer a aprendizagem dos gêneros. Assertiva corroborada por Bazerman (2009, p.10-11), que acredita que “não se ensina um gênero como tal e sim se trabalha com a compreensão de seu funcionamento na sociedade e na sua relação com os indivíduos situados naquela cultura e suas instituições”. Isso porque o gênero trabalhado dentro da sala de aula é sempre uma variação do gênero de referência. O gênero em abordagem escolar já não mais participa de seu contexto real, onde as finalidades, os interlocutores, a ideologia, a situação comunicativa de sua existência são completamente diferentes. Portanto, cabe a escola, e aqui podemos entender então o livro didático, propor a aproximação do que ocorre fora da escola com o que ocorre dentro dela, isto é, minimizar a artificialidade do contexto escolar.

Um outro ponto a respeito dos 6 livros é que em apenas um deles *Viva Português*, a proposta de ensino da língua pautada sobre um tradicionalismo não foi identificada. Todos os outros materiais ao trabalharem a gramática da língua, o fazem de maneira tradicional. Ou seja, a gramática, de acordo com o que expõem as resenhas, é trabalhada de forma descritiva, voltada à exposição de conceitos, classificações e prescrição de normas de uso, com predomínio da transmissão. Fatos que promovem algumas reflexões.

Compreendendo o gênero como “tipos relativamente estáveis de enunciados” que possuem características que “fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado”, a saber, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, conforme conceitua Bakhtin (1997, p. 280), trabalhar os aspectos

gramáticas dissociados do gênero em referência seria não trabalhar o gênero em si. Ou, o que acontece é que as fronteiras definidas entre inovação e tradição têm “bordas fluidas e dinâmicas, ou seja, zonas de contínuo embaralhamento do que se apresenta como separado e excludente nos discursos de autoridade sobre língua(gem) e ensino” (SIGNORINI, 2007, p.8). Para um aprofundamento dessa questão consideramos ainda a análise de um segundo Guia, o de 2010, que expõe os livros a serem adotados pelo Ensino Fundamental para o triênio de 2011-2013. Foram 16 coleções aprovadas e explicita o Guia que,

As coleções do *Guia 2011* trazem, em conjunto, *inovações* que aprofundam o processo de adequação dos livros didáticos à virada pragmática no ensino de língua materna, responsável, desde há aproximadamente 27 anos, pelas grandes transformações que vêm ocorrendo tanto na concepção do que é uma disciplina como Língua Portuguesa, quanto pelos métodos de ensino considerados adequados (BRASIL, 2011, p, 29 – grifo nosso).

Assertiva que se confirma no que se refere ao que nós aqui estamos considerando como inovação no ensino da língua portuguesa, a abordagem aos gêneros, pois das 16 coleções aprovadas, 08 delas, 50%, mencionam o gênero como princípio organizador do processo de ensino. Nesse Guia, são seis princípios organizadores distintos, quatro deles se relacionam a gêneros. São eles: exclusivamente por tema, exclusivamente por gênero; por tema associado a gêneros; por tema associado a projetos; por gênero associado a projeto; por projeto associado a gênero e a tema. No entanto, a explicitação de qual princípio se encaixa especificamente cada obra é bastante confusa. O que é possível identificar são as obras que, de um modo geral, trabalham com o gênero como eixo condutor, sendo que cinco delas são as mesmas do Guia 2007: *Trajetórias da língua portuguesa* (que antes se intitulava *Construindo consciências –Português*); *Trabalhando com a linguagem*; *Viva Português*; *Tudo é linguagem*; *Português linguagens*. As outras três apresentamos na quadro 2:

Livro didático	<i>Português – a arte da palavra</i> . Editora AJS.
Gêneros	“Dedicam um grande espaço ao reconhecimento da estrutura dos gêneros. [...] A circulação dos textos é proposta para o ambiente escolar e familiar. (p. 93).
Tradicionalismo	Excesso de metalinguagem e abordagem predominantemente transmissiva dos conteúdos gramaticais. “Limitação no trabalho com a oralidade nos volumes dos 6º e 7º séries” (p.94).
Livro didático	<i>Para vier juntos</i> . Editora SM.
Gêneros	“Apresenta diversidade de gêneros, com temas variados que abordam a realidade brasileira” (p.87).
Tradicionalismo	xxx
Livro didático	<i>Língua portuguesa- linguagem e interação</i> . Editora Ática.
Gêneros	“O trabalho sistemático de exploração de gêneros adequados a situações comunicativas diversificadas, tanto na compreensão quanto na produção oral” (p.70).
Tradicionalismo	xxx

Quadro 2 – O que as resenhas revelam sobre os livros do Guia 2011

A respeito da obra *Português – a arte da palavra*, a nosso ver, ela não poderia estar classificada dentro do princípio organizador que está, porque mesmo pretendendo trabalhar com gêneros, pela resenha apresentada, não trabalha. Primeiro, o gênero não se entrelaça a sua situação comunicativa real, não simula, não se aproxima da prática social da qual deve estar inserido, pois os textos se limitam a circular na escola. E, conforme Rodrigues (2005, p. 164) “o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais”. O que é exposto também por Bronckart (2006, p.10), para quem as atividades humanas mediadas pela linguagem, ou práticas languageiras situadas, se modalizam estruturalmente em textos-discursos “historicamente construídos por um grupo” (p.79). Assim, todo discurso acontece pela “operacionalização da linguagem por indivíduos em situações concretas” (BRONCKART, 2006, p.140).

Um segundo motivo seria porque os autores do livro preocupam-se com o processo de reconhecimento da estrutura do gênero, diferente do conceito bakhtiniano que já apontamos e também do de Bronckart (2006), para quem os

“gêneros de textos são produtos de configurações de escolhas” relativas à seleção e combinação de mecanismos estruturantes, de operações cognitivas, de modalidades e recursos linguísticos e que “se encontram momentaneamente ‘cristalizados’ ou estabilizados pelo uso” (p.143). E ainda, são “unidades cuja organização e funcionamento dependem de parâmetros múltiplos e heterogêneos: situações de comunicação, modelos dos gêneros, modelos dos tipos de discurso, regras do sistema da língua, decisões particulares do produtor, etc” (BRONCKART, 2003, p.77). Exatamente por isso são considerados um “megainstrumento”, pois conforme Schneuwly (2004, p.28) o gênero configura-se por vários “subsistemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos)” os quais permitem o homem a agir em uma situação de comunicação.

Quanto as demais obras, igualmente como acontece no Guia 2007, fica aparente que a maioria delas são norteadas pela teoria dos gêneros, mas apresentam uma abordagem tradicional quanto ao processo de ensino gramatical. Apenas em duas delas isso não ocorre. Nesse sentido, podemos compreender que, conforme constata Dornelles (2007) em estudo realizado sob a demanda da inovação no estudo e ensino de língua portuguesa em um curso de letras,

A própria polarização novo-velho é desafiada, já que o novo deixa de ser um total rompimento com o velho e são justamente as linhas de força que ligam tradição e modernidade que promovem condições para as mudanças, uma vez que não ameaçam crenças e saberes familiares, valorizando o conhecimento que vem “de dentro” (DORNELLES, 2007, p. 412).

Ou seja, se LD é constituído por diferentes discursos, ideologias e interesses, como mencionamos, entre elas a dos professores, se os professores se sentem seguros adotando um material que ainda apresenta uma abordagem tradicionalista, porque se concilia mais a formação deles, a maneira com que eles vêm trabalhando por muitos anos, convergente a isso, o “velho” lá está. A mudança para o “novo”, aos poucos, que depende de diversos e diferentes fatores, como já apontamos, vai adquirindo condições para acontecer. Ela vai

ocorrendo “do ponto de vista de quem a promove e não a partir de parâmetros estrangeiros” (DORNELLES, 2007, p.3). Entendendo aqui o professor como quem efetivamente promove a mudança e os PCN e o livro didático como parâmetros estrangeiros (criados pelas instâncias superiores e não pelo próprio professor). Tanto porque, os PCNs são mesmo agentes e não atores, no sentido de ator como aquele que tem razões, intenções, capacidades para intervir no mundo, enquanto que o agente não tem essas atribuições (MACHADO; BRONCKART, 2009).

Considerações finais

Enfim, diante das resenhas apresentadas pelos Guias 2007 e 2010, podemos compreender que os livros para o próximo triênio, 2011-2013, estão bem mais conciliadores as orientações dos PCN no que se refere ao trabalho com os gêneros textuais do que os materiais do triênio passado (2008-2010). Ressaltando-se ainda o fato de que o Guia 2010 expõe sobre todas as 16 obras, independente se o eixo norteador é a teoria dos gêneros ou não, quais os gêneros oferecidos pelos livros para o trabalho com a leitura, produção textual, oralidade e conhecimentos linguísticos, listando as capacidades que a obra pretende desenvolver no conjunto da coleção e como essas capacidades poderão ser trabalhadas, que é um ponto bastante positivo para o professor no momento da escolha do material.

Assim, mesmo que desde 1998 os PCN já orientem o processo de ensino da língua portuguesa norteador pelas teorias dos gêneros discursivos/textuais, e que somente agora, uma década depois, os livros didáticos estejam mais conciliadores a essa perspectiva, o importante parece não ser o tempo, mas o modo como a inovação vai acontecendo, uma vez que o novo vai se entrelaçando ao velho, justamente como afirma Dornelles (2007), sem radicalismos que possam ferir a cultura institucionalizada. Entretanto, os resultados dessa nossa pesquisa demonstram a necessidade de estudos a respeito de como a abordagem a esses materiais estão sendo realizadas na

prática da sala de aula, para que só então tenhamos uma visão de se e como a inovação está mesmo acontecendo no ensino da língua portuguesa.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAZERMANN, Charles; DIONISIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (orgs.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa: 5ª a 8ª séries*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____.Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2008: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 2007.

_____. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos: PNLD 2011: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitor Interditado. In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas (Org.). *Leituras do professor*. Campinas-SP: Mercado das Letras: ALB, 1998, p. 61-78.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2003.

_____. *Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Tradução e organização Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Matencio (et.al.). Campinas, SP: Mercado das letras, 2006.

BUNZEN, Clecio. Construção de um objeto de investigação complexo: o livro didático de língua portuguesa. *Revista Estudos Linguísticos XXXIV*, São Paulo, 2001, p. 557-562.

DINIZ, Júlio Emílio Pereira. *Formação de professores: pesquisa, representações e poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DORNELLES, Clara. A demanda por inovação no curso de Letras em espaço acadêmico periférico. In: I Congresso Latino-Americano sobre Formação de

Professores de Língua, 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2007. p. 410-424.

KLEIMAN, Angela. O estatuto disciplinar da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. (org.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 51-77.

MACHADO, Anna Raquel (*et al*). Relações entre linguagem e trabalho educacional: novas perspectivas e métodos no quadro do interacionismo sociodiscursivo. In: MACHADO, Anna Raquel (org.). *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 15-29.

_____; BRONCKART, Jean-Paul. (Re)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In: MACHADO, Anna Raquel (org.). *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 31-78.

MENEZES, Vera Lúcia Oliveira e Paiva de; SILVA, Marina Morena dos Santos e; GOMES, Iran Felipe Alvarenga. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOLINA, Olga. *Quem engana quem: professor x livro didático*. Campinas, SP: Papirus, 1987.

NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Editora Claraluz, 2009.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-RORH, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

SAVIOLI, Francisco Roberto. Livro didático: liberdade ou opressão? In: GREGORIN, Maria do Rosário Valencise; LEONEL, Maria Célia de Moraes (org.). *O que quer o que pode esta língua? Brasil/Portugal: o ensino de língua portuguesa e de suas literaturas*. Araraquara, SP: Curso de pós-graduação em Letras, FCL-UNESP-Ar, 1997, p. 113-126.

SCHNEUWLY, Bernad. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 21-40.

SIGNORINI, Ines (org.). *Significados da inovação no ensino da língua portuguesa e na formação de professores*. Campinas-SP: Mercado das letras, 2007.

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. *Os objetivos de leitura no livro didático*. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

Recebido em Agosto de 2010.

Aprovado em dezembro de 2010.